



EDUCAÇÃO FILOSÓFICA PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: o que nos dizem os docentes do Cariri?

Edson Ribeiro Luna¹
Maria Dulcinea da Silva Loureiro²

Philosophical education for the formation of critical awareness in pandemic times: what do Cariri teachers tell us?

Resumo:

A presente pesquisa aborda o ensino remoto de Filosofia no nível médio na Região do Cariri durante a Pandemia COVID-19 com o objetivo de analisar se o ensino remoto de filosofia contribui para a formação da consciência crítica dos/das alunos(as) de ensino médio de escolas públicas estaduais do Cariri, e investigar a percepção dos(as) professores(as) a respeito da contribuição do ensino remoto para a aprendizagem de filosofia. Partimos da hipótese de que a filosofia exerce papel relevante em um processo educacional que intenciona permitir aos discentes um posicionamento crítico-reflexivo ante as manifestações das conjunturas históricas que incidem sobre nossas vidas. A pesquisa de abordagem qualitativa se iniciou com um estudo bibliográfico de teóricos sobre ensino de Filosofia, novas tecnologias na educação, consciência crítica e uma pesquisa de campo com dezoito docentes de filosofia de escolas estaduais do Cariri compreendidas pelas CREDES 18, 19 e 20. Para essa atividade de campo formamos grupos de discussão em reuniões gravadas pelo Google Meet. Para a análise dos dados utilizamos o método hermenêutico-dialético. Pudemos destacar que na percepção dos docentes a aprendizagem de filosofia para a formação da consciência crítica por meio remoto é possível, mas mediante as dificuldades decorrentes das peculiaridades desse momento pandêmico, vivenciados por nós docentes e mais ainda pelos nossos discentes, constatamos que há deficiências em comparação com o ensino presencial.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Ensino Remoto. Pandemia da Covid 19.

Abstract:

The present research addresses the remote teaching of Philosophy at the high school level in the Cariri Region during the COVID-19 Pandemic with the objective of analyzing whether the remote teaching of philosophy contributes to the formation of the critical consciousness of high school students of public schools in Cariri, and to investigate the teachers' perception about the contribution of remote teaching to the learning of philosophy. We start from the hypothesis that philosophy plays a relevant role in an educational process that intends to allow students to take a critical-reflexive position in the face of the manifestations of historical conjunctures that affect our lives. The qualitative approach research began with a bibliographic study of theorists on Philosophy teaching, new technologies in education, critical awareness and a field research with eighteen philosophy teachers from state schools in Cariri comprised by CREDES 18, 19 and 20. this field activity, we formed discussion groups in meetings recorded by Google Meet. For data analysis we used the hermeneutic-dialectical method. We were able to highlight that in the teachers' perception, learning philosophy for the formation of critical consciousness by remote means is possible, but due to the difficulties arising from the peculiarities of this pandemic moment, experienced by us teachers and even more by our students, we found that there are deficiencies in compared to face-to-face teaching.

Keywords: Education. Remote Teaching. Philosophy Teaching. Covid 19 Pandemic. Critical Awareness

1. Mestrando em Educação. Professor de Filosofia do ensino básico da rede estadual do Ceará.

2. Doutora em Educação. Professora da Universidade Regional do Cariri-URCA do Departamento de Educação.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como ponto de partida e fonte de inspiração nossa experiência como professor de filosofia da rede estadual do Ceará que se iniciou no ano de 2010. Daquela data em diante experienciamos algumas realidades distintas junto aos alunos e isso tem nos proporcionado aprender cada vez mais e nos aprimorar no lecionamento de filosofia. À medida que amadurecemos como educadores/docentes sentimos ainda mais necessidade de refletir sobre nossa atuação e sobre a realidade que envolve professores, alunos e comunidade escolar como um todo.

Esse interesse acentua-se nas circunstâncias atuais marcadas pela pandemia do Coronavírus. Vivenciamos as mais variadas dificuldades, começando pelo medo de adoecer. Esse impôs um confinamento que, por sua vez, tem escancarado as disparidades sociais. Ao adotarmos, em caráter emergencial, o ensino remoto nos deparamos com problemas, que vão desde a dificuldade de acesso à internet pelos alunos à devida acomodação espaço-temporal para eles e para nós. Juntamente aos alunos, tivemos que aprender abruptamente a manusear algumas ferramentas digitais às quais muitos de nós não estávamos habituados. Em suma, essa modalidade de ensino, somada aos problemas de caráter econômico-social, tem gerado prejuízo como evasão escolar e outros mais.

Diante de toda essa situação atual e das experiências que viemos obtendo ao longo de nossa trajetória docente, sentimo-nos agora motivados a investigar o ensino remoto de filosofia e sua contribuição para a formação da consciência crítica do(a) aluno(a) de ensino médio frente a realidade que o envolve.

Acreditamos que, mesmo a escola situando-se em uma realidade marcada pelo capitalismo, deveria pautar-se preponderantemente no reconhecimento das pessoas em sua altivez, de modo a não submetê-las indiscriminadamente a um interesse meramente mercadológico, garantindo-lhes ampla consciência de si e de toda a realidade que as envolvem. Referimo-nos a uma educação para a autonomia e não para um mero segmento do que previamente fora estipulado pelo mercado. Uma educação que consista em um contraponto à ideologia capitalista que campeia o âmbito educacional incitando uma ascensão social que dependa de um empenho pessoal calcado pelo anseio de consumo que essa ideologia enceta. A sociedade

capitalista influencia cada atitude do homem, que se não tiver ciência de sua práxis, torna-se alheio ao seu agir e escravo da ideologia atualmente desenvolvida, a qual estabelece uma forma de sociabilidade mediada pela mercadoria.

Nesse contexto, é preponderante que a educação possa contar com o ensino de filosofia, pois ela viabiliza conhecer os processos de produção da história com suas vicissitudes e também alçar reflexões críticas sobre a conjuntura política e educacional. Tem como características pertinentes a este intuito democrático a aproximação dos(as) jovens de conceitos como verdade, justiça e liberdade, ao passo que promove aos mesmos a oportunidade de pensar estes conceitos de forma reflexiva em um nível filosoficamente articulado, a saber, de modo crítico, criativo e ético, num processo de execução das atividades básicas do pensamento, que são o conceituar, o problematizar e o argumentar. Ressaltamos ainda como valor da educação filosófica o fato de que ela se dá por meio do diálogo e busca promovê-lo reconhecendo que consiste em algo imprescindível para o exercício da cidadania e em expressão da democracia.

Desse modo, empreendemos uma pesquisa de campo em 2021 junto aos/às professores(as) de filosofia da Região do Cariri (Credes 18,19,20), norteados pelas seguintes questões: Qual a contribuição do ensino remoto de filosofia para a formação da consciência crítica dos/das alunos(as) de ensino médio de escolas públicas estaduais do Cariri? Qual a percepção dos/das professores(as) sobre o ensino remoto para a aprendizagem de filosofia? Na percepção dos/das docentes, em que medida o ensino remoto de filosofia contribui para a formação da consciência crítica? Quais as condições pedagógicas em que os/as docentes se encontram para o trabalho remoto? Quais as novas reflexões filosóficas que esse período pandêmico suscita no âmbito da seara educacional e do ensino de filosofia?

2. METODOLOGIA

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa que se iniciou com um estudo bibliográfico dos teóricos em ensino de Filosofia, ensino remoto, novas tecnologias e educação e consciência crítica. Em seguida, realizamos no ano de 2021 a pesquisa de campo com os docentes de filosofia das escolas estaduais do Cariri compreendidas pelas

CREDES 18, 19 e 20. Definimos como critério que preferencialmente fossem selecionados os docentes graduados em filosofia, sabendo que há uma fatia considerável de professores da rede estadual que leciona filosofia, mas é graduada em outro componente curricular, obtendo um total de dezoito professores³ que aqui são apresentados por nomes fictícios. As reuniões foram realizadas pelo Meet ao longo dos meses de maio e junho do referido ano em que discutimos questões condizentes tanto ao ensino de filosofia como a realidade atual da educação marcada pelos efeitos adversos da pandemia do Coronavírus, além de outras questões abertas à livre participação dos sujeitos da pesquisa.

Desse modo, realizamos por meio da referida plataforma grupos de discussão e entrevistas reflexivas individuais. Para a análise dos dados oriundos dessas entrevistas utilizamos o método hermenêutico-dialético que, segundo Gomes (2002), é um método que parte do reconhecimento de que a ciência se dá em uma dinâmica que envolve tanto a razão dos pesquisadores como também a experiência na realidade concreta. Em suas palavras, vejamos os passos em que se dá esse método e que foram os mesmos que seguimos nessa fase da pesquisa:

(a) Ordenação dos dados: neste momento, faz-se um mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo. Aqui estão envolvidos, por exemplo, transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da observação participante. (b) Classificação dos dados: nesta fase é importante termos em mente que o dado não existe por si só. Ele é construído a partir de um questionamento que fizemos sobre ele, com base numa fundamentação teórica. Através de uma leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecemos interrogações para identificarmos o que surge de relevante. (c) Análise final: Neste momento, procuramos estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base em seus objetivos. Assim, promovemos relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática. (GOMES, 2002, p. 78-79)

O procedimento metodológico que adotamos é a pesquisa participante por acreditarmos dar conta de

nosso objeto de pesquisa e por valorizar o fato de o pesquisador fazer parte do grupo que está pesquisando, como é o nosso caso enquanto professor de filosofia da rede estadual do Ceará. Julgamos ser de grande valia o fato de sermos professores de filosofia propondo-nos a estudá-la junto aos nossos pares.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. O que é filosofia e a sua importância no ensino

"Quem somos?"; "De onde viemos?"; "Para onde vamos?" e "O que estamos fazendo aqui? Essas e outras perguntas sempre figuram no arcabouço mental, emocional e espiritual do homem. A filosofia, por sua vez, nasce dessas inquietações e, ao longo dos tempos, vem progredindo nesse seu interesse pelos problemas da existência humana.

Assim pode-se dizer que a Filosofia é o diálogo dos homens com a realidade sociocultural e política e com o tempo histórico. Ela evidencia o caráter reflexivo do pensar e aponta o senso crítico do agir. Neste sentido, estudiosos e especialistas no ensino da filosofia, como Aranha e Martins (2003), enfatizam que "o estudo da filosofia é essencial porque não se pode pensar no homem que não seja solicitado a refletir e agir" (2003, p.1). São essas inquietações motivadas de "carências" e de necessidades naturais e inerentes ao ser humano que faz com que se construam novas realidades. Daí a importância da filosofia como disciplina de ensino nos programas curriculares das escolas e do ato do filosofar como ferramenta indispensável para homens e mulheres na busca de uma consciência de ser e de estar no mundo.

3.2. Ensino remoto: as vozes dos educadores-filósofos das escolas de Ensino Médio da Região do Cariri

As vozes dos educadores nas escolas da região do Cariri ressoam nesse momento pandêmico e apontam para uma nova configuração de tarefas com o uso das mídias tecnológicas em rede. Não há nenhuma dúvida: o

3. No entanto, nem todos puderam comparecer nos dias combinados. De modo que no primeiro encontro do grupo de discussão participaram dezessete professores, no segundo onze e no terceiro, que foi a continuação do segundo encontro com os professores que tinham faltado, foram cinco os participantes. Todos eles lecionam filosofia, mas apenas treze são graduados nesta área e somente sete (dentre todos) lecionam apenas filosofia nas escolas do Estado; os demais complementam a carga horária com outros componentes curriculares.

trabalho remoto expande os afazeres escolares ao nível de carga horária e invade o habitat doméstico do professor e do aluno. Muitos até evidenciam que essa “linha tênue” que dividia a vida pessoal e profissional já estava ameaçada antes da pandemia, mas o estado atual com o uso sistemático da tecnologia acelerou esse processo e misturou de vez essa relação público-privada.

Aqui alertam para uma geração de conflitos internos e externos, pessoais e coletivos, subjetivos e objetivos, que exige um autocontrole de emoções, palavras, comportamentos e até disciplina e tempo. As câmeras dos vídeos não escondem especificidades nem subjetividades. Ao contrário disso, as imagens expõem, ampliam e podem até levar a interpretações múltiplas. Diz o professor Alberto:

Eu desde antes da pandemia nunca vi com bons olhos esse tipo de ensino remoto. Talvez pela questão da filosofia, eu tenho uma visão de que é fundamental esse encontro presencial. É fundamental esse 'estar ali'. É fundamental esse ir à universidade, ir às diversas instâncias onde eu possa fazer isso. (...) o processo de transmissão do conhecimento deve gerar, sobretudo do ponto de vista da filosofia, um sentir, um agir, um dizer. Três verbos fundamentais. São fundamentais no processo de ensino aprendizagem sobretudo no que se refere a filosofia. (LUNA, 2021, p. 133).

O Prof. William alerta: "sempre é possível filosofar. A filosofia flui mesmo diante das dificuldades que estamos enfrentando, porque sempre podemos suscitar uma dúvida, a leitura de um texto filosófico, uma reflexão." (Idem, 2021, p. 137)

No que se refere ao autogerenciamento, a professora Rafaela é bem explícita:

Minha cidade está num dos piores momentos em relação a essa pandemia. A gente nunca teve tantos casos de infectados e tantos casos de morte, inclusive hoje uma vizinha não tão próxima, mas de algum possível parentesco com a minha mãe, veio a falecer por complicações da Covid. É tudo muito difícil. E como nós, como professores, podemos atrair esses alunos para aprender filosofia? (Idem, 2021, p. 138)

Os docentes alertam também para a falta de escolha e a urgência de uma adaptabilidade ao formato virtual de ensino. De uma hora para outra, a capacidade e a habilidade de produção e transmissão de conteúdo foram testadas. Um novo “corpo-persona”

comportamental teve que ser inventado e trabalhado ao tamanho de uma tela de computador ou de um celular. Diz a professora Adriana:

Estou fazendo um curso de ensino híbrido para ver se eu consigo tentar de alguma forma desenvolver esse protagonismo nos alunos, que é a sala de aula invertida, esse estilo de aula de rotatividade, esse tipo de atividade com a personificação, com a individualização do aprendizado. Só que o que eu percebo é que mesmo assim ainda há dificuldade. Nós, professores, ainda não temos essas habilidades tecnológicas e não temos tanto tempo pra isso (...). (Idem, 2021, p. 137)

Além disso, uma multiplicidade de dispositivos eletrônicos, tecnológicos e digitais, com processos de comunicação variados explodiram como plataforma Zoom, Classroom, Google Meet etc., exigindo uma atenção administrativa e um engajamento ativo, participativo e colaborativo. Diz a professora Rafaela “a gente meio que aprendeu na marra, no supetão, porque ninguém estava preparado pra isso.” (Idem, 2021, p. 139)

Ao longo desse tempo de trabalho remoto presenciamos inúmeras dificuldades e ouvimos muitos relatos da parte de nosso alunado e que, em certa medida, nós docentes também sofremos. Dificuldades de ordens variadas em decorrência de uma gama de situações frente às quais a COVID-19 nos colocou, a saber: medo de ser contagiado, ansiedade e demais problemas de ordem psíquico/mentais, dificuldade de adaptação a esse novo estilo de vida e às aulas remotas, dentre outros problemas. Nosso trabalho tem se dado, então, em meio a todas essas adversidades e exigindo de nós adaptação e resiliência para que o ensino possa continuar da melhor forma possível. Quanto a essa situação pandêmica, o professor Artur coloca:

Na escola em que eu trabalho está sendo assustador o número de estudantes que não está conseguindo entrar nas aulas nos últimos quinze dias porque a família está sendo acometida pela COVID-19. Há também casos de abalos da saúde a nível psíquico/mental, ansiedade e a dificuldade de adaptação por parte do aluno. Então eu diria que o ensino remoto gera aprendizagem, mas nós temos limites a serem superados. (Idem, 2021, p. 141)

Ainda em se tratando das inúmeras situações que essa realidade pandêmica nos submeteu, de modo particular a evasão escolar, o professor Marciel fala que o aluno telefona dizendo que não vai participar da aula porque vai trabalhar com o pai ou mãe. Este é um dos relatos dos

docentes que evidenciam que a ausência dos estudantes do espaço físico da escola mediante o ensino remoto traz essas ocorrências, isto é, se estão em casa ficam mais vulneráveis a situações do tipo. Vale ressaltar que isso é algo que em certos casos é justificado pela dificuldade econômico/financeira pela qual muitas famílias têm passado. Neste tocante, Sousa, Pinto e Fialho observam que:

Uma dimensão negativa do ensino remoto é que esse processo de ensino-aprendizagem só pode ser alcançado por aqueles estudantes que possuem acesso, inclusive financeiro, aos meios digitais, de forma que esse modelo de educação não é para todos, relegando à exclusão os estudantes mais pobres, justamente os alunos da escola pública. Segundo a autora Tokarnia (2020), na conjuntura brasileira, quase cinco milhões de estudantes estão sem acesso à internet. (SOUSA, PINTO, FIALHO, 2021, 13)

Ainda dentro dessa perspectiva, Santos nos assevera que:

Assim temos vivido nos últimos quarenta anos. Por isso, a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade. Em muitos países, os serviços públicos de saúde estavam mais bem preparados para enfrentar a pandemia há dez ou vinte anos do que estão hoje. (SANTOS, 2020, p. 06)

A professora Lúcia relata que uma aluna que tem problemas de caráter emocional, ausente nas aulas virtuais, se referiu taxativa "só vou estudar quando for na escola! (...) eu não vou voltar a estudar nem pelo celular ou computador." (LUNA, 2021, p.134). O período pandêmico agravou alguns problemas emocionais e psíquicos que os jovens já vinham vivenciando, o que demanda do docente uma atuação que possivelmente extrapole suas atribuições cotidianas.

A professora Adriana partilha dessa ideia afirmando:

É grande a quantidade de aluno com quem eu converso, incentivo, que vou atrás, que ajudo a fazer o primeiro acesso do aluno online; é tanta coisa que a gente faz que algumas transcendem um pouco o papel do professor (...) mas a gente cumprindo esse papel podemos ver nosso aluno como um indivíduo, como um ser humano que necessita de algo que o desperte para o conhecimento. (Idem, 2021, p.137)

Enfatizando a necessidade de adaptabilidade que esse

momento tem exigido, o professor Romeu afirma que tem construído "as aulas de modo que elas possam não só estar passando um conteúdo, mas pudessem ser um momento também de tentar linkar com a vida dos meninos e das meninas." (Idem, 2021, p.164).

O ensino remoto traz e deixa aos professores de filosofia da região do Cariri um signo de solidariedade e companheirismo. Ao longo desse processo ocorreram trocas mútuas de experiências, compartilhamento de conhecimento e aprendizagem, adaptação e experimentação simultâneas.

Quanto à possibilidade de haver aprendizagem aos estudantes pelo ensino remoto, concordamos que é possível, mas menos que na modalidade presencial, porque não há interlocução com os discentes na intensidade que tínhamos presencialmente. Antes já concebíamos a necessidade desta interlocução ser aperfeiçoada para que houvesse mais aprendizagem. Com o formato remoto regredimos nesse sentido.

O professor Alberto destaca elementos que são essenciais para que haja aprendizagem, concebendo que "o processo de transmissão do conhecimento deve gerar, sobretudo do ponto de vista da filosofia, um sentir, um agir, um dizer. Três verbos fundamentais. São fundamentais no processo de ensino aprendizagem sobretudo no que se refere à filosofia." (Idem, p. 133).

Nas palavras do Prof. Eugênio: "é possível a aprendizagem, mas não estou dizendo que é sempre viável porque tem 'N' situações" (Idem, p.134), afirma. Além das variáveis, considera também que primeiramente devemos saber o que caracteriza o ensino, como se ensina e como se aprende e apresenta como condição de viabilidade desses dois elementos o diálogo, isto é, afirma que uma vez se estabelecendo o diálogo entre professor e aluno há aprendizagem. Essa análise reforça a ideia de que pode mesmo haver aprendizagem pelo ensino remoto porque "é possível esse diálogo mesmo que virtual. Então, se esse é um pressuposto, o aprendizado do aluno também é possível." (Idem, p.135).

Contudo, para que esse diálogo aconteça é preciso que não intercorram alguns fatores como, por exemplo, a falta de acesso do alunado a uma internet de qualidade, a um material de ensino virtual e físico. O professor em destaque observa que para haver diálogo é necessário o acesso prévio a esses recursos por parte dos discentes

(também da parte do professor, obviamente) para seu estudo pessoal antecedente à aula que se dá pela orientação do professor. Assim sendo, na aula, eles poderão participar de forma interativa com perguntas e posicionamentos; dialogando com colegas e professor. Dessa forma há aprendizado. Quanto ao papel do professor nesse cenário, Miranda et al afirmam que:

A tecnologia tornou-se uma aliada quando o assunto é processo ensino-aprendizagem; é uma ferramenta para ajudar a personalizar as atividades em sala de aula; além disso, facilita no processo de aquisição de conhecimento dos alunos e professores. (...) Contudo, é importante ressaltar que a tecnologia não substitui e nem diminui a presença do professor em sala - apenas modifica seu papel nessa nova concepção de aprendizagem. Conclui-se que esse novo cenário de aprendizagem favorece uma educação em que o aluno é o centro do processo, o professor é o mediador do conhecimento e, portanto, precisa mostrar aos alunos que existem diferentes formas de aprender e construir conhecimento. (MIRANDA et al 2020, p. 01)

Outro ponto que o professor Eugênio afirma ser necessário levarmos em consideração é se os alunos têm interesse em aprender filosofia.

Porque se eles tiverem interesse em aprender filosofia, eles vão se debruçar sobre questões filosóficas e buscar levantar questões, fazer perguntas, tirar dúvidas e se voltar ao material que é exposto antes. Enfim, ele vai despertar. (LUNA, 2021, p.135)

Apresenta essa ideia e pontua que "ensinar filosofia levando em consideração o ponto de vista teórico, uma apresentação, uma explanação, um debate, é viável mesmo virtualmente." (Idem, p.135)

O professor Eugênio também diz que, em se tratando de atividades mais práticas – que às vezes, por exemplo, as aulas de arte e estética exigem –, considera que há um pouco mais de dificuldade e maior necessidade dos recursos aos quais já nos referimos. Isso porque às vezes solicitamos que façam vídeos, elaborem imagens e desenvolvam formas criativas de apresentação, atividades que no ensino remoto demandam maiores recursos tecnológicos. "E mesmo assim ainda é possível; do ponto de vista teórico, discursivo, analítico, é possível o ensino de filosofia e é viável mesmo dentro dessas demandas filosóficas". (Idem, p.136) Diz.

Ainda tangenciados pela contribuição do Prof. Eugênio e resgatando a questão da importância da

presencialidade, o professor ressalta que, em uma aula presencial, alguns aspectos importantes podem não existir caso a ação docente se dê nos moldes de uma educação bancária-tradicional e concorda que a presença física tem toda uma realidade sentimental, de contato, de afeto, que contribui muito para o ensino. Mas atesta que virtualmente também podemos transmitir afeto e demonstrarmos proximidade ao alunado.

Quando nos perguntamos pela possibilidade de aprendizagem da filosofia pelo ensino remoto, é interessante para robustecer a análise que nos lembremos das dificuldades que já enfrentávamos antes do período pandêmico. Dificuldades decorrentes do universo dos alunos e de nossas condições de trabalho. A professora Adriana nos lembra que "antes já era difícil trabalhar de modo criativo, com poucos recursos, com salas de aulas lotadas, com a sobrecarga do professor tendo muitas turmas para dar conta. Eu acredito que isso dificulta bastante o trabalho do docente." (Idem, p.136)

A professora Adriana entende que uma boa aula é aquela na qual o aluno tenha espaço para se expressar de forma coerente. E que, partindo das contribuições dos professores, haja um diálogo frutífero entre os alunos, isto é, uma dialogicidade que culmine em aprendizagem e num impacto positivo em suas vidas. Para isso são imprescindíveis as condições necessárias ao trabalho docente como: aumento da carga horária da disciplina, diminuição da quantidade de alunos por turmas, infraestrutura das escolas. Com a chegada da pandemia vieram outros problemas, conforme a professora Adriana atesta:

No entanto quando veio a pandemia, no início foi tudo meio que desorganizado para todo mundo. Depois a gente começou a usar as plataformas digitais; coisas que facilitaram mais a nossa vida. Agora a grande questão é saber se o aluno do outro lado está interagindo. Estou fazendo um curso de ensino híbrido pra ver se eu consigo tentar de alguma forma desenvolver esse protagonismo nos alunos, que é a sala de aula invertida, esse estilo de aula de rotatividade, esse tipo de atividade com a personificação, com a individualização do aprendizado. Só que o que eu percebo é que mesmo assim ainda há dificuldade. Tem a questão de nós professores ainda não termos essas habilidades tecnológicas e não temos tanto tempo pra isso. Eu acredito que a escola, algumas, ainda estão trabalhando com o modelo engessado como se a gente estivesse presencialmente. Isso dificulta o trabalho do professor. (Idem, p.137)

Desse modo, entende que é contra censo que sejamos convidados a desenvolvermos aulas que sigam um novo modelo, que sejam interativas e diversificadas, que exijam uma nova didática e, ao mesmo tempo, oferecerem-nos um modelo engessado e burocratizado. Para ela isso só atrapalha e estagna o processo de aprendizagem tanto de alunos como de professores.

Com relação a promoção de uma aprendizagem que gere protagonismo e autonomia, a professora Adriana considera mais difícil sem um contato presencial com os alunos. Diante das dificuldades afirma que é preciso uma autoavaliação e um empenho a mais de todos nós, incluindo o Estado, para fazer com que haja um ensino de filosofia de qualidade que gere tais valores. Faz uma alerta:

É grande a quantidade de aluno com quem eu converso, incentivo, que vou atrás, que ajudo a fazer o primeiro acesso do aluno online; é tanta coisa que a gente faz que algumas transcendem um pouco o papel do professor. (...) mas a gente cumprindo esse papel podemos ver nosso aluno como um indivíduo, como um ser humano que necessita de algo que o desperte para o conhecimento (LUNA, 2021, p.137)

Em suma, pondera que não se trata simplesmente de sermos dinâmicos em nossas aulas, mas de termos a clareza que nossa atuação está despertando a busca do aluno pela sua autonomia, seu protagonismo.

Integrando a fileira dos que reconhecem a aprendizagem pelo ensino remoto a professora Isabel parte de uma análise da versatilidade e riqueza de funções que as plataformas e demais dispositivos digitais dispõem e que assim viabilizam atividades educativas interessantes. Trata-se, por exemplo, da possibilidade de compartilharmos conteúdos, indicarmos leituras, postarmos e indicarmos vídeos, links, etc. Isso é interessante porque tanto simplesmente podemos oferecer esses materiais aos alunos como podemos também redimensionar alguns problemas que porventura venham acometer algum discente no momento da aula. Melhor explicando: caso algum aluno não possa participar de uma aula por algum motivo, incluindo um desinteresse momentâneo, ele poderá posteriormente acessar o material e interagir com colegas e professores.

Como os demais, também ressalta que pode haver intercorrências pelas interferências das múltiplas variáveis. Assim se expressa:

Agora se você vai me perguntar 'quem aprende', 'a quem é oferecido', 'quem realmente está em vantagem', 'se está sendo acentuada desigualdades ainda dentro da própria escola pública,' Ai é outra questão! Porque a gente sabe que nessa forma, como já foi mencionado, onde nem todo mundo tem acesso à internet e muito menos a essas plataformas, ou dispositivos pra fazer uso dessas plataformas. Então a gente tem uma série de problemas aí. (Idem, p.140).

Enfatizando a aprendizagem de filosofia por meio remoto, a professora afirma ser viável "porque a filosofia é muito mais querer despertar o interesse do indivíduo para o diálogo, para a reflexão; é essa capacidade de refletir, de conceituar de forma crítica qualquer coisa ou problematizar qualquer coisa que esteja a nossa volta" (LUNA, 2021, p.140).

O professor Rubens também concorda que é possível o aprendizado no ensino remoto, mas vê com preocupação a baixa frequência que há nessa modalidade de ensino. "Considerando uma turma de quarenta e cinco alunos matriculados a gente vê no máximo, num dia bom, quinze, vinte alunos. Isso num dia muito bom. Então o alcance que a gente tem no ensino remoto ele é muito restrito, muito limitado", (Idem, p.140) expõe.

Um dos problemas que ele encontra para que haja aprendizagem em filosofia é a falta de leitura prévia por parte de um número considerável de aluno; problema que já existia antes da pandemia e que permanece nesse momento.

Sempre coloco para os alunos a importância da leitura para todos nós. A gente sabe que para compreender a filosofia de maneira eficaz requer realmente leitura, estudo, dedicação. Encontramos sempre a dificuldade de o aluno não ter feito previamente a leitura. Eles ficam basicamente naquilo que é proposto no momento da aula. Esse momento da preparação, essa leitura prévia, não acontecia no presencial e continua no remoto. Precisamos estar ali sempre exigindo deles esse aprofundamento (Idem, p.140)

O professor Artur também reconhece que há aprendizagem em filosofia na modalidade remota. No entanto, ao adotarmos um padrão de qualidade, afirma que diverge do ensino presencial. O ensino remoto tem limites e um deles diz respeito à condição de acesso à tecnologia; isso de fato traz uma grande dificuldade no processo de aprendizagem porque há casos de em uma sala de aula de até quarenta e cinco alunos matriculados

poucos comparecerem por falta de acesso. "Eu tenho sala de aula, por exemplo, em que apenas dois alunos conseguem entrar em uma aula assim e os demais entram de maneira sazonal; entram em uma semana, não entram na outra..." (Idem, p.141), relata. Outra dificuldade que destaca é em relação a todo um processo de adaptação metodológica que tanto nós como os discentes temos passado de forma abrupta, principalmente em se tratando do ensino médio público; estávamos ainda mais longe dessa seara tecnológica do que outras realidades educacionais.

Outra dificuldade que o professor Artur relata é a fragilidade da saúde emocional principalmente do estudante. Em suas letras:

Na escola em que eu trabalho está sendo assustador o número de estudantes que não está conseguindo entrar nas aulas nos últimos quinze dias porque a família está sendo acometida pela COVID-19. Há também casos de abalos da saúde a nível psíquico/mental, ansiedade e a dificuldade de adaptação por parte do aluno. Então eu diria que o ensino remoto gera aprendizagem, mas nós temos limites a serem superados. (LUNA, 2021, p.141)

Quanto à aprendizagem propriamente da filosofia pelo ensino remoto o professor Artur também concebe que é possível, não obstante, mais uma vez nos convida a reconhecermos algumas dificuldades que há nesse caso específico. Ressalta o fato de dispormos de uma formação em filosofia que de um modo geral sempre pressupôs o encontro presencial com o estudante. Agora preparamos aulas de certa forma isoladamente em nossas casas e para que ocorram em encontros que se dão nas condições que o MEET ou outra plataforma permitem. Isso traz um questionamento muito sério: "o que temos gerado enquanto aprendizagem era aquilo que a gente tinha em mente quando do acumulado do processo de formação enquanto saber filosófico? O nosso processo de aprendizagem está sendo de fato filosófico?" (Idem, p.141). Podemos perguntar também: precisamos revisitar essas questões que são cruciais: o que é o ensino de filosofia? O que é ensinar filosofia? Quando de fato ensinamos filosofia?

O professor Ricardo também concorda que o ensino remoto promove aprendizagem porque uma vez entendendo que o ensino é "o encontro entre professores e alunos que estabelecem uma relação entre eles a partir de um conteúdo. Um que se propõe a ensinar e outro que se propõe a aprender, nisso temos

todos os elementos necessários para que o processo aconteça" (Idem, p.141). Reconhece, então, que há condições formais, psicológicas e cognitivas para isso.

Contudo, entende que é uma forma de ensino aprendizagem que não se equipara em termos de qualidade ao ensino presencial, é deficitária, e por isso causa prejuízo. Faltam outras condições além das elencadas, como as socioeconômicas, o que, segundo o professor:

dificultam as condições de uma 'presença virtual' nessa interação. Alguns alunos não têm as condições materiais e são excluídos do processo. Isso aí é um problema e já foi pontuado várias vezes e é uma das questões em que a gente mais encontra dificuldades (LUNA, 2021, p.142).

Outro problema no ensino remoto que professor Ricardo salienta é o fato dessa modalidade de ensino exigir que o aluno se comprometa mais, haja vista não estar mais dispondo da presença física do professor que antes estava ali próximo, tirando suas dúvidas e instigando-o pelas peculiaridades benfazejas da presencialidade, conforme já destacamos. "Isso supõe dele primeiro que tenha um protagonismo que deve aparecer sobretudo na sua capacidade de disciplinar o tempo. Ele vai precisar administrar o tempo para se responsabilizar por grande parte do seu aprendizado. E isso é muito difícil!" (LUNA, 2021, p. 142), conclui. Tal dificuldade existe também por questões socioeconômicas, conforme nos atesta o professor em destaque:

A gente encontra mais de uma situação em que o aluno na hora que deveria estar em uma aula ele pode estar no horário de trabalho, por questões socioeconômicas. Ou ele vai buscar um trabalho nessa situação que a gente está vivendo aí, que é difícil, ou então a família passa necessidade. Então essa questão de exercer o protagonismo sobretudo de disciplinar o tempo, é um desafio e recai muito fortemente sobre o aluno. Tem alunos que conseguem administrar de forma razoável isso e mostram resultados que a gente considera, dentro desse processo, satisfatórios. (Idem, p.142)

Outra questão que considera fundamental para que o ensino não seja deficitário "é o aluno entender essa educação formal como um valor na vida dele. Entender a educação formal, essa escolar, como um valor importante na vida dele, isso, com certeza, contribui profundamente para uma aprendizagem de maior qualidade" (Idem, p.142-143).

Ainda conforme o professor Ricardo, essa é uma modalidade de ensino que de alguma forma se perpetuará, inclusive "os alunos mais novos já estão lidando melhor com isso que os de um pouco mais de idade, inclusive nós professores. Aprender de forma virtual, mesmo depois de nosso retorno às aulas presenciais, isso vai ser uma coisa que vai fazer parte da educação formal." (Idem, p.143). Acredita que historicamente iremos nos ajustar e assimilar essa realidade.

Quanto à possibilidade do ensino remoto de filosofia, primeiramente acentua que independentemente das questões que podemos priorizar no processo de ensino, como a história da filosofia, os temas, os problemas, etc., o procedimento didático-pedagógico depende muito de cada professor e daquilo que ele investe em seu trabalho. O professor Ricardo afirma também que buscamos elementos que são formais na filosofia e que aparecem independentemente desse procedimento de ensino que adotamos, a saber:

- Desenvolver no aluno a capacidade de problematizar, de conceituar e saber dizer o que é uma realidade ou buscar definir isso;
- Ter mais clareza conceitual para organizar melhor as ideias;
- Ser capaz de apresentar as razões de seus pontos de vista, de seus posicionamentos;
- Saber definir, conceituar e defender posições a partir de argumentos, com critérios mais lógicos, mais razoáveis, menos emotivos ou coisas do tipo. (LUNA, 2021, p.143)

Ainda nessa perspectiva, o professor diz que:

Problematizar, conceituar e argumentar é o sonho de todos nós como professores que os alunos aprendam e que assim rompam com a naturalização; que problematizem, que critiquem, que desconfiem da realidade, que façam perguntas pra eles mesmos ou para os outros acerca do entendimento que eles têm. (Idem, p.143)

Podemos, então, por meio do ensino remoto conseguir nos alunos a capacidade de problematizar, de conceituar e de argumentar? Para responder a esta pergunta, primeiramente o professor Ricardo destaca que a filosofia nasceu de um diálogo, como uma conversa. "A filosofia grega, socrática, ela tem muito forte a ideia do diálogo. E é possível você estabelecer um diálogo

também virtual. O chat tem contribuído muito pra isso" (Idem, p.144), afirma. Concorda com o professor Rubens nesse quesito e atesta também que às vezes não consegue responder a todas as questões lançadas de forma escrita. "Então se você considerar a filosofia como um diálogo que se estabelece entre sujeitos com o propósito de desenvolver a capacidade de problematizar, de conceituar e de argumentar, é possível sim seu ensino remoto." (Idem, p.144), conclui.

Contudo, o que pode complicar um pouco é o fato de que a filosofia "compreendida como diálogo supõe uma interação que seja produtiva na condução de uma problematização, de uma conceituação. No entanto, conceituar é um processo delicado, demorado e a interação virtual não possibilita tanto isso." (LUNA, 2021, p. 144), argumenta, mas continua considerando possível.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até que ponto o ensino remoto da Filosofia no nível médio de ensino pode favorecer o desenvolvimento de uma consciência crítica? Foi a questão que norteou a realização dessa pesquisa com os professores vinculados as CREDES 18, 19 e 20 do Estado do Ceará.

Conforme a análise dos depoimentos dos professores, podemos concluir que mediante as inúmeras dificuldades vivenciadas pelos professores e estudantes no ensino remoto, o processo de formação da consciência crítica pela filosofia não se deu conforme o esperado, considerando a perspectiva dos docentes da região do Cariri. No entanto, constatamos que essa modalidade de ensino traz consigo a possibilidade de aprendizagem e formação do senso crítico para nosso alunado. Assim, esperamos que as dificuldades de acesso aos recursos digitais e demais dificuldades que envolvem os aspectos geográficos e temporais sejam mitigados paulatinamente para o bom êxito de todo ensino que lança mão dos recursos tecnológicos.

Navegação, vídeo, som, blogs, redes sociais, jogos e simulações. Essas são algumas possibilidades usadas neste mundo de tecnologia pelo educador. Todavia, nada adianta ao ensino da filosofia, se não houver o insight transformador do ser. Os alunos podem utilizar e incorporar as tecnologias de informação e comunicação no seu cotidiano de aprendizagem, mas sem despertar nele uma consciência alargada e crítica de mundo, tudo

é em vão. E o educador-filósofo poderá ser o mediador para esse florescimento intelectual, emocional e espiritual.

O ensino remoto no Ensino Médio já acabou em nosso estado por meio do decreto nº 34.279, de 02 de outubro de 2021, mas, como já afirmamos, é esperado que a aprendizagem sobre a utilização dos recursos digitais em sala de aula, que obtivemos nesse período pandêmico, tangencie atividades educacionais mais promissoras daqui pra frente.

De princípio, consideramos que o uso dos meios tecnológicos na educação há muito tempo tem sido demandado pela sociedade e agora se mostra mais presente e valorizado. O ensino remoto, mesmo tendo sido implementado em caráter emergencial mediante a imposição do distanciamento social pela pandemia do

Coronavírus, tem nos legado muitos conhecimentos sobre os recursos digital-tecnológicos, de modo que no período pós-pandêmico poderemos pôr esses conhecimentos em prática para o aperfeiçoamento de nossas aulas, abrindo cada vez mais espaço para o ensino híbrido. Todavia, fica claro também que devemos nos esquivar das pressões e euforias mercadológicas e do discurso inflamado pela técnica desqualificada, uma vez que acabam por distorcer o real significado e os fins educativos a que se propõe os educadores-filósofos ao ensino da filosofia nas escolas da Região do Cariri.

Conforme pudemos constatar nas falas dos professores, há a preocupação de que o ensino de Filosofia, seja de caráter remoto ou presencial, precisa ter como objetivo a formação integral de pessoas conscientes e críticas, capazes de refletir e intervir na realidade em que estão inseridas contribuindo para o bem da coletividade.

6. REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, M.C.S. (org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

LUNA, E. R. **Ensino remoto de filosofia e consciência crítica: uma abordagem a partir da experiência de docentes do ensino médio de escolas públicas do Cariri**. Dissertação de mestrado. Mestrado Profissional em Educação. Universidade Regional do Cariri, 2021.

MIRANDA, R.V.; MORET, A. S.; DA SILVA, J. C.; SIMÃO, B.P. **Ensino Híbrido: Novas Habilidades Docentes Mediadas pelos Recursos Tecnológicos**. EaD em Foco, V10, e 913, 2020.

SANTOS, Boaventura S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SOUSA, A. C. B. PINTO, A. S. M. FIALHO, L. M. F. A história da educação do Ceará em tempos de pandemia e o ensino remoto: memórias, conjuntura social e resignificação do trabalho docente (2020-2021). **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 22, n. 37, p. 01-120, jan./jun. 2021.